ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf Rodrigo Lirio Pedroso

A LIDERANÇA MILITAR DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI: MODELO DE CONDUTA PARA OS NOVOS COMANDANTES DE FRAÇÃO

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf Rodrigo Lirio Pedroso

A LIDERANÇA MILITAR DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI: MODELO DE CONDUTA PARA OS NOVOS COMANDANTES DE FRAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do grau especialização em Ciências Militares.

Orientador: **Maj Inf** Samuel **Schilling** da Silveira

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf Rodrigo Lirio Pedroso

A LIDERANÇA MILITAR DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI – PSICOLOGIA DO CAMPO DE BATALHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do grau especialização em Ciências Militares.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

_____

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

_____

SAMUEL SCHILLING DA SILVEIRA – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

_____

FELIPE LOPES BRANDÃO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

RESUMO

O presente estudo tem como propósito analisar a liderança exercícita pelo Duque de Caxias, durante a Guerra do Paraguai, enfatizando a postura adotada por ele que levou a Tríplice Aliança à vitória, e como esse militar conseguiu conduzir seus homens durante as batalhas de modo a conquistar os objetivos. Aqui buscaremos utilizar as ações de Caxias como estudo de caso para verificar como o líder pode influenciar sua tropa em todos os aspectos: sociais, psicológicos e moral. Com base na pesquisa, podemos perceber que nosso patrono deve ser um referencial de estudos por todos os militares, principalmente os oficiais que estarão em função de comando. No confronto entre as variadas fontes de estudo, veremos que suas ações são fontes práticas de análise de caso das ações de liderança presentes inclusive no C 20-10, Manual de Liderança Militar do Exército Brasileiro.

Palavras chaves: LIDERANÇA, MODELO, CAXIAS, GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA.

ABSTRACT

This study aims to analyze the leadership exercised by Duque de Caxias during the Paraguayan War, emphasizing the posture he adopted that led the Triple Alliance to victory, and how this military man managed to lead his men during the battles in order to conquer the goals. Here we will seek to use Caxias' actions as a case study to see how the leader can influence his troop in all aspects: social, psychological and moral. Based on the research, we can see that our patron should be a reference for studies by all the military, especially the officers who will be in command. In the confrontation between the various sources of the study, we will see that his actions are practical sources of case analysis of the leadership actions present in the C 20-10, Manual of Military Leadership of the Brazilian Army.

Keywords: LEADERSHIP, MODEL, CAXIAS, TRIPLE ALLIANCE WAR.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 06
1.1 PROBLEMA..... 08
1.1.1 **Antecedentes do Problema**..... 08
1.1.2 **Formulação do Problema**..... 09
1.2 OBJETIVOS..... 09
1.2.1 **Objetivo Geral**..... 09
1.2.2 **Objetivos Específicos**..... 10
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO OU HIPÓTESE..... 10
1.4 METODOLOGIA..... 10
1.4.1 **Objeto formal de estudo**..... 11
1.4.2 **Amostra**..... 11
1.4.3 **Delineamento da pesquisa**..... 11
1.4.4 **Procedimentos para revisão da literatura** 11
1.4.5 **Procedimentos Metodológicos**..... 12
1.5 JUSTIFICATIVA..... 12
2. REFERENCIAL TEÓRICO..... 14
2.1 A GUERRA DO PARAGUAI..... 14
2.2 CAUSAS DA GUERRA E SEUS FATORES..... 15
2.3 ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA..... 17
2.4 LIDERANÇA MILITAR..... 23
2.5 LIDERANÇA MILITAR E SEUS ASPECTOS IMPORTANTES..... 25
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 29
3.1 A INFLUÊNCIA DE DUQUE DE CAXIAS NA PREPARAÇÃO DA TROPA.. 29
3.1.1 **Mdedidas administrativas implementadas**..... 29
3.1.2 **A liderança no campo de batalha**..... 29
3.1.3 **Caxias como modelo de liderança**..... 30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 33

1 INTRODUÇÃO

Luís Alves de Lima e Silva, nascido em Taquaraçu, município de Duque de Caxias, em 25 de agosto de 1803, ainda é um dos maiores exemplos militares para o Brasil.

A família Lima e Silva veio para O Brasil em 1767, com José Joaquim de Lima e Silva, militar do exército Português, avô de Caxias, cujo pai, também militar, ocupou altos postos do exército imperial durante a Regência-Trina. Dessa forma, Luís Alves de Lima e Silva, nascido e criado em ambiente militar, ingressou na carreira obtendo grande prestigio e galgando postos hierárquicos de forma surpreendente (WIKIPÉDIA, 2021).

Cadete da Escola Militar do Largo do São Francisco, de 1818 a 1821, se projetou com uma carreira militar meteórica, participando de inúmeras batalhas internas, impedido revoltas dentro do território brasileiro, além de Guerras, como a do Paraguai, que o promoveu ao título de Duque (WIKIPÉDIA, 2021).

A maior guerra da América do Sul, a guerra do Paraguai, opôs brasileiros, argentinos e uruguaios aos paraguaios, quando o governo de Solano López, negando a soberania dos países vizinhos, invadiu o Brasil em dezembro de 1864. Dessa forma as tendências hegêmonicas de Solano à constituição de um Grão-Paraguai com a incorporação do Uruguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e parte meridional de Mato Grosso, levaram o governante paraguaio a romper as hostilidades. (BRASIL, 2015).

Uma vez que o Exército Brasileiro contava apenas com 18.320 homens, com um recrutamento e prestação de serviço rudimentar, e padrões de seleção baixo, o Brasil foi pego de surpresa com o ataque paraguaio. Grande parte do Exército achava-se distribuída ao longo da fronteira com o Uruguai, principalmente em Bagé, e as demais unidades guarneciam diferentes pontos do vasto território do império, particularmente a Corte e as capitais da Províncias. Ao avaliar a força militar do Brasil, o Paraguai subestimou a possibilidade de o país se colocar em guerra. Além disso, Lopez não acreditava no poder combativo do Exército Brasileiro (BRASIL, 2015).

Foi então que o Marques de Caxias apresentou um plano ao ministro da Guerra, contribundo com as estratégias e com as operações de combate. Assim, em 1866, Caxias assume o comando do Exército Brasileiro, contra o exército mobilizado e aguerrido do Paraguai, bem superior às forças brasileiras na bacia do Prata, mesmo acrescidas das tropas argentinas e uruguaias (BRASIL, 2015).

Caxias, no entanto, teve um desempenho extraordinário como comandante, inclusive da forças aliadas em algumas fases, imprimindo grande mobilidade as operações, levando os aliados à vitória e consagrando-se como maior chefe militar da Tríplice Aliança (BRASIL, 2015).

Dessa forma, conforme a breve ilustração da vida de Caxias, a guerra está inevitavelmente ligada à economia, à política e à diplomacia, não significando, no entanto, traços de liderança uma vez que a guerra é travada por homens de valores e habilidades não intrínsecos a políticos e a diplomatas. Há tempo, diversos comandantes retiram ensinamentos dos campos de batalha importantes para o desenvolvimento das capacidades de liderança (FRAGOSO, 2010).

A História Militar nada mais é que a mais antiga forma de história, desde o confronto entre grego e persas, Séc IV e V a.C., Guerra do Peloponeso (460-400 a.C.), Guerras Púnicas (264-146 a.C.), servindo, assim, como exemplos, do ponto de vista militar, de fontes extremamente úteis para o aprimoramento do emprego das forças militares (FRAGOSO, 2010).

Segundo o Manual de Hitória Militar Geral da Academia Militar das Agulas Negras, tem-se por de finição de História Militar:

> Parte da História da Humanidade que nos permite reconstruir a História da Doutrina Militar. E Doutrina Militar são os princípios pelos quais os exércitos tem se preparado (organizado, equipado, instruído e desenvolvido as forças morais) para eventualidade de conflitos e se empregados em guerra. (Apud. SAVIAN; LACERDA, 2009, p.08)

Em um primeiro momento, entende-se como liderança a busca de exemplos, por meio de estudos, de lideres militares que nos campos de batalha cambateram junto a suas tropas. Aliado a isso, busca-se observar a conduta e a resposta dos comandantes diante do confronto fatal, do desgaste físico e emocional, como definição e indício de uma natureza de liderança. Essas duas perspectivas são extremamente importantes para a formação de oficiais, permitindo-os avaliar as motivações e expectativas de seus subordinados e avaliar melhor suas estratégias diante das situações impostas no confronto (SALLES, 2015).

Assim, o amplo conhecimento de liderança estará sempre atrelado às atribuições de um militar, principalmente para os oficiais, que além de decisores, comandam homens subordinados cujo desempenho e iniciativa dependem de um comando. Essa

condução, deve estar ligada a motivação para que seus comandados realizem suas tarefas da melhor forma possível, ainda que inexista vontade e determinação ou até mesmo medo diante do risco de vida. O exemplo, portanto, é a chave para o líder ter sucesso diante de seu grupo na conquista de seus objetivos (BRASIL, 2015).

Ainda que consagrado como o maior chefe militar da Tríplice Aliança, Caxias levando o Brasil e os aliados a vitória na guerra do Paraguai, é possível afirmar que os atuais comandantes de fração, inseridos em ambientes operacionas, diferentes daqueles um século e meio atrás, mantém os métodos e posturas de Caxias como líder para conduzir seus homens? Para isso, a presente pesquisa tem por finalidade contextualizar os fatos históricos da guerra do Paraguai, analizando as condutas do Patrono do Exército Brasileiro, a fim de verificar se as características de liderança de Caxias mantém-se como um exemplar legado inquestionável de conduta para os novos comandantes de frações dos dias de hoje.

1.1 PROBLEMA

O manual de Campanha C 20-10 – LIDERANÇA MILITAR estabelece o conceito de liderança militar como ferramenta para os chefes de fração, entretanto, convém apresentar orientações práticas como complemento de estudo de casos de liderança exercida pelo Patrono do Exército nos campos de batalha do maior conflito armado da América Latina.

1.1.1 Antecedentes do Problema

Segundo o C 20-10, nos momentos de crise e, sobretudo, nas ações em combate, havendo risco de toda ordem, os indivíduos só obedecerão voluntariamente às ordens recebidas afiançados por seu comandante. O momento de crise e risco aflora os instintos no ser humano, neste caso, os aspectos psicológicos serão aflorados, ocupando, por vezes, o lugar da razão.

O estudo da liderança é essencial para o militar do Exército Brasileiro, principalmente em combate, quando apoiado em exemplos, para que se possa entender o efeito do líder militar como fator determinante nas vitórias.

1.1.2 Formulação do Problema

Existem duas interpretações diferentes e complementares que possibilitam ensinamentos sobre liderança dentro do estudo da Hitória Militar. Inicialmente, buscar os modelos de liderança e determinar, por meio do estudo, a performance dos lideres militares que combateram no passado. Depois, entender a conduta do soldado e da tropa em combate, suas atitudes diante do perigo e do desgaste físico e emocional resultante de suas atribuições. As duas perspectivas sçao de extrema importância na formação de oficiais, averiguando seus entendimentos nos níveis interpessoal e intrapessoal, permitindo avaliar melhor as expectativas, motivações e receios dos subordinados (PEDROSA, 2011, p.6).

1.2 OBJETIVOS

O objetivo dessa pesquisa foI analisar as virtudes e condutas do maior lider militar do Brasil durante a guerra contra Solano Lópes, servindo de exemplo para os atuais comandantes de fração, citando os feitos de Caxias, suas características e atitudes durante a Guerra do Paraguai.

À luz do manual C 20-10 (LIDERANÇA MILITAR), 2ª edição, observa-se a importância das características e atitudes de um comandante militar em conduzir os seus homens. Em todos os escalões, cada líder deve exercer suas funções de forma convincente, dirigindo seus subordinados, demosntrando iniciativa, capacidade de cominicação a fim de influenciar de forma positiva a mentalidade e os comportamentos daqueles que os seguem.

Para o Duque de Caxias, comandar homens, mesmo de nacionalidades diferentes como brasileiros, argentinos e uruguaios, na guerra do Paraguai, era uma tarefa rotineira desempenhada de maneira exemplar (BRASIL, 2015).

1.2.1 Objetivo Geral

Nesse estudo de caso, deveremos chegar a conclusão sobre quais fatores devemos considerar com maior importância na liderança militar para obtenção dos resultados no campo de batalha e como um líder influencia seus subordinados para a obtenção de um objetivo.

1.2.2 Objetivos Específicos

a) Realizar uma ambientação histórica das campanhas realizadas por Caxias na Guerra do Paraguai;

b) Conceituar liderança;

c) Demonstrar a importância da liderança exercida por Caxias durante a Guerra para a vitória dos aliados;

d) Verificar a importância da liderança militar para os oficiais do Exército Brasileiro.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

O trabalho busca realizar um levantamento bibliográfico sobre como a liderança têm influência no campo de batalha e qual o papel do líder sobre seus comandados, seja pela sua presença, seja por sua conduta nas diversas fases do conflito, buscando as seguintes respostas:

a) Como Caxias preparava sua tropa para o combate?

b) Qual a postura de Caxias diante de uma tropa dominada pelo medo?

c) Como Caxias lidava com seus soldados após um conflito de muitas baixas?

d) Caxias ainda é um modelo de liderança para os novo oficias?

O seguinte estudo se baseia nas ações de Duque de Caxias na Guerra do Paraguai e nas mudanças implementadas por ele quando assumiu o comando da tropa brasileira no teatro de operações.

1.4 METODOLOGIA

Revisão bibliográfica multidisciplinar, compatível com o ensaio teórico. Seguindo a Taxionomia de Vergara (2009), por meio de uma pesquisa qualitativa, busca-se exemplificar os traços apreciados no líder de acordo com as ações do Duque de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança. A pesquisa também será explicativa, pois busca implementar ações práticas, como complemento àquelas já previstas no manual C20-10.

1.4.1 Objetivo formal de estudo

O estudo trata das ações de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, desde os momentos de preparação de sua tropa, durante os conflitos e após a execução das batalhas. Aliado a isso, será pesquisado a literatura da liderança para entender como a conduta de um líder influencia na conquista dos objetivos.

1.4.2 Amostra

A amostra segue a linha não probabilística e por acessibilidade (VERGARA, 2009), disponível em livros, revistas e documentos históricos.

1.4.3 Delineamento da pesquisa

Buscando os relatos bibliográficos do Duque de Caxias, a pesquisa é qualitativa, visando compreender a Liderança Militar exercida por ele como fator determinante na vitóra, relacionando a figura do líder na influência de seus comandados.

Dessa forma, a pesquisa tem um caráter descritivo, bibliográfico e documental, pois visa relacionar as características inerentes ao líder militar na tomada de decisões no campo de batalha. Além disso, será fundamentada na investigação da postura de Caxias diante dos conflitos da Guerra do Paraguai e como seus métodos influênciam os novos comandantes de fração nos dias de hoje.

1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura

A pesquisa se constitui de pesquisa bibliográfica na literatura existente sobre o assunto e no depoimento de historiadores e estudiosos do tema liderança militar e Guerra da Tríplice Aliança, levando em consideração os métodos de Caxias que levaram as tropas brasileiras à vitória.

Para a busca de literatura, utilizou-se as seguintes fontes:

a) Fontes de busca

- Artigos científicos das bases de dados da Biblioteca do Exército, como da Escola de Comando e Estado Maior (ECEME) e da EsAO;
- Arquivo Histórico do Exército;

- Livros acerca da temática envolvida;
- Sistema de Monografias e Tese do Exército Brasileiro e
- Documentos de ensino da EsAO.

b) Estratégia de buscas de dados eletrônicos:

Utilizou-se os seguintes descritores: ‘‘Guerra da Tríplice Aliança”, “Guerra do Paraguai”, “Duque de Caxias na Guerra do Paraguai”, “Liderança Militar”.

1.4.5 Procedimentos Metodológicos

A forma da pesquisa foi a análise de conteúdo. Trata-se de um estudo judicioso de livros e textos, associada a tanto aos significados como aos significantes das mensagens.

Essa técnica é uma ferramenta para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determindado tema (VERGARA, 2009). Assim serão apresentados os conceitos de liderança militar, as ações conduzidas por Caxias durante os conflitos.

Assim, o trabalho foi produzido a partir do estudo comparativo do conteúdo estudado, e tem como principal objetivo analizar a influência que as condutas em guerra do Patrono do Exército podem ter nos comandantes dos dias atuais.

1.5 JUSTIFICATIVA

No contexto da Guerra do Paraguai, destaca-se o Duque de Caxias, demonstrando aspectos de liderança que solucionariam a crise da época, e colocariam o Brasil e seu exército em posição de destaque dinte de seus vizinhos. Dessa forma, a pesquisa propõ-se a analisar o perfil, características e condutas do maior herói brasileiro, sendo imprescindível para assimilar o perfil de um líder militar.

Ainda assim, tomando por base a 2ª edição do manual C 20-10 (LIDERANÇA MILITAR), evidencia-se a importância dos aspectos de liderança de um comandante principalmente em momentos de crise:

> A História Militar mostra que a liderança sempre foi o alicerce das tropas coesas, motivadas e aguerridas. Mostra também, as dificuldades esncontradas pelos comandantes na condução de seus soldados em combate. Nas situações de normalidade, quando o grupo militar e as pessoas que o integram não estão sob pressão,

> geralmente as ordens dos comandantes são cumpridas sem vacilações. Já nos momentos de crise e, sobretudo, nas ações em combate, havendo risco de vida e penúrias de toda ordem, os indivíduos só obedecerão coluntariamente às ordens recebidas afiançados por seus comandantes. (MANUAL DE CAMPANHA LIDERANÇA MILITAR, 2009, p.1-2).

Ressalta-se, ainda, a necessidade de todo militar ter conhecimento sobre o tema liderança, primordial para o cumprimento de suas missões; sendo portanto, assunto de grande relevância para o Exército Basileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As características e condutas de Caxias, ainda que seculares, são base para formação dos novos comandantes de frações, independente do tipo, do lugar e da duração da missão a ser desempenhada.

A guerra da Tríplice Aliança, a guerra do Paraguai, teve início devido à vários fatores: fisiográficos, psicossociais, poíticos, econômicos entre outros. As causas remotas da guerra tinham fundamentos nos primórdios da colonização da América espanhola e portuguesa, refletidas com o antagonismo econômico e político de Assunçao e Buenos Aires, resultante de rivalidade antiga entre os dois núcleos coloniais e das lutas pela autonomia. Alem disso, o fatalismo da posição geográfica do Paraguai, que criou extensas fronteiras terrestres sem ligação com o mar, agravada pela ideologia missionária que criou direito histórco paraguaio a grandes porções de terra em poder da Argentina e do Brasil. Assim, esses acontecimentos fizeram parte da eclosão da maior gerra da América do Sul, eternizando-se na nossa história.

2.1 A GUERRA DO PARAGUAI:

> A Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como “Guerra do Paraguai”, foi o maior conflito militar da história da América do Sul. Foi travada entre quatro países: pelo Paraguai, contra uma aliança formada pelo Brasil, Uruguai e Argentina. Foi singular na história sul-americana o número de soldados envolvidos e, acima de tudo, o seu terrível custo em vidas. Essas mortes foram em grande parte devido a privações, doenças e fome, que os beligerantes não estavam equipados nem organizados para aliviar. Das aproximadamente 50.000 mortes no Brasil, dois terços foram por exaustão e doenças, particularmente varíola e cólera (ESPOSITO, 2015, tradução nossa).

Entre 1864 e 1870 dá-se o desenrolo da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, quando este pretendeu anexar terras brasileiras e argentinas. Apesar das causas, o Paraguai, antes do conflito, desde sua independência em 1811, caracterizava-se como um país agrário, ao passo que desenvolvia suas industrias bélicas, uma vez que Solano López desejava expandir seu território Reino Unido e Império, 1998, p.147).

Quando López veio a assumir a presidência do país em 1862, continuou com a política nacionalista, apoiando grupos políticos tanto na Argentina como no Uruguai, que iam ao encontro de seus interesses, como os *blancos,* uruguaios, que permitiam o uso do porto de Montividéu pelo Paraguai, e pelos federalistas argentinos, grupo opositor ao presidente Bartolomeu Mitre. Abaixo podemos perceber a descrição dos fatores políticos da Guerra:

> Questões de fronteiras e navegação – A independência dos países sul-americanos ampliou as áreas de atrito nas questões de fronteiras. Antes da Independência, a rigor, essas divergências só existiam entre o Brasil e o Vice-Rinado do Prata, ou melhor, entre Portugal e Espanha. Depois essas áreas se ampliaram, diversificando-se. O Brasil passou a se confrontar, na bacia do Prata, com o Paraguai, o Uruguai e a Argentna. O Paraguai e a Argentina tinham problemas de fronteiras no Chaco e nas Missões. Na questão de fronteiras entre Brasil e Paraguai, este se apegava ao argumento do expansionismo ou imperialismo brasileiro; para o Brasil, constituía preocupação dominante encontrar uma solução para o conflito numa região de difícil acesso, como o sul de Mato Grosso. Diplomaticamente o desentendimento prendia-se à interpretação da letra do tratado de Santo Ildefonso (1777), arrastando-se desde 1844 e ainda sem solução em 1864. O Brasil firmava sua pretensão na linha rio Apa / rio Iguatemi, enquanto o Paraguai desejava a linha do rio Branco / rio Invinheima (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.147).

2.2 CAUSAS DA GUERRA E SEUS FATORES

Tomando por base o Exército na Históra do Brasil, para entendermos as causas que levaram ao confronto da Tríplice Aliança, devemos considerar alguns fatores: fisiográficos, psicossociais, políticos, econômicos e militares.

Hidrografia: a bacia do Prata, constituída pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, oferecia, sob o ponto de vista da navegabilidade: o estuário do rio, apesar da grandiosidade aparente, tinha a navegação circunscrita a poucos canais; a ilha de Martin Garcia, perto da qual passava o principal canal navegável que dava acesso ao interior do continente e a Buenos Aires, assumia importância capital para a vida dos povos dependentes dos rios da Prata e Paraná; os rios Paraná e Paraguai, permitindo franca navegação até o centro do continente, constituíam a melhor via de acesso do

sul para o norte do Paraguai, para a região setentrional da Argentina e para o Mato Grosso (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.146)

Psicossociais: Paraguai – o país julgava-se espoliado em seu patrimônio territorial, por ter sido centro irradiador da colonização espanhola, nas bacias dos rios Paraguai e Paraná, nos primórdios da ocupação do continente. Naquela época tinha sob jurisdição territórios que posteriormente pertenceriam ao Brasil, à Bolívia e à Argentina. O ressentimento era mais profundo com relação ao Brasil, em virtude da ação dos bandeirante no ataque e destruição das missões jesuíticas paraguaias, no sul do Mato Grosso e no Paraná. Como consequências principais desses antecedentes na formação paraguaia e na psicologia do povo, podem ser citadas: desconfiança quanto aos propósitos de seus maiores vizinhos – Brasil e Argentina; permanente aspiração de recuperar os territórios; exagerada sensibilidade ante o que pudesse afetar a sua soberania. Os hábitos de submissão do povo paraguaio ao governo espanhol e aos jesuítas, a falta de educação política, o atraso educacional decorrente do isolacionismo e a ausência de líderes dirigentes propiciaram o aparecimento do tipo *caudilho*, senhor absoluto, personificado sucessivamente em três ditaduras: José Gaspar Rodriguez de Francia (1814-1840), Carlos Antônio Lopez (1844-1862) e Francisco Solano Lopez (1862-1870), (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.146).

Econômicos: Paraguai – preocupado em isolar o país da influência do audilhismo das Províncias platinas vizinhas, Francia fechou praticamente as fronteiras do Paraguai ao comércio internacional, adotando uma política de auto-sufuciência econômica. Nos governos de Carlos Antonio López e do filho Solano López, o país evoluía para uma participação menos remota no comércio internacional, procurando mesmo construir uma frota comercial. A estrutura econômica soméstica começou a apresentar alterações. Não obstante, a situação financeira era razoalvelmente boa; o país dispunha de meios para melhor armar-se e subvencionar agentes de informações no Prata. O pequeno comércio paraguaio fazia-se pelo porto de Buenos Aires (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.146).

Militares: Considerando imperioso afirmar a independência perante a Argentina e defender seu território contra os caudilhos, tratou o Paraguai de organizar o seu exército, a partir de 1811, no governo de Francia. A desconfiança ante os vizinhos e a crença na inevitabilidade da guerra como meio de resolver as questões fronteiras pendentes, fizeram-no aumentar e melhorar as forças terrestres. O Brasil contribuiu

com material de artilharia e com instrutores. No limiar da guerra dispunha o páis de cerca de 60 mil homens em armas. Além da oficialidade instruída durante alguns anos por oficiais brasileiros, contava o Exército paraguaio com técnicos estrangeiros. Produzia em seu próprio território canhões em ferro fundido e de bronze, pólvora e projéteis de diferentes calibres. No início das hostilidades dispunha de pequena esquadra: 18 vapores, entre os quais o brasileiro *Marquês de Olinda*, aprisionado no começo da guerra, duas escunas a vela, três ***patachos*** a vela e três lanchões. Não contava com indústria naval em 1864 (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.146).

Dentre as causas da guerra, portanto, pode-se afirmar que seus fundamentos estavam certamente ligados nos primórdios da colonização da América espanhola e portuguesa e mesmo na rivalidade entre as potências ibéricas, podendo assim ser mencionadas: o antagomismo econômico e político entre Assunção e Buenos Aires, o antagonismo social consequente à educação jesuítica, disciplinadora dos indígenas guaranis, permitindo o regime de poder absoluto no Paraguai, em contra posição às tendências liberais que se desenvolviam no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

O Fatalismo da posição geográfica do Paraguai, o antagonismo hispano-português trasladado para América do Sul, também contribuíram para o estopim do conflito. Dentre as causas mais imediatas, pode-se citar: problemas de fronteira entre Brasil e Argentona com o Paraguai; divergências quanto a livre navegação dos rios; crescente poderio militar do Paraguai e sua estabilidade política; idéias de Solano Lopez de constituir na América do Sul um grande Estado paraguaio e o pretexto do Império, que pretendia evitar que se estabelecesse no seu flanco um poderoso Estado capaz de pôr em riscoa sua segurança. Contudo, o pretexto direto da guerra foi a invasão do Uruguai pelo Brasil em 1864. O aprisionamento pelos paraguaios do navio *Marquês de Olinda,* materializou o rompimento das relações diplomáticas e deu início à guerra (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.174).

2.3 ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

A área de operações compreendia o atual território da República do Paraguai e se caracterizava por sua posição central no continente sul-americano, cercado de extensos territórios brasileiros, argentinos e bolivianos, quase que praticamente despovados. Além disso, não havia qualquer tipo de identificação gráfica do terreno,

mapas, ou cartas que permitissem o estudo prévio da regiã. O terreno apresentava-se baixo, alguma elevações isoladas e uma região de cordilheiras. Os rios Paraguai e Paraná, cortavam a área, sendo o primeiro responsável por dividir o país ao meio, permitindo a navegação até o interior de Mato Grosso; e o segundo caracterizava-se por ser navegável em grande trecho. A vegetação variava entre florestas, savanas e campos de pastagem. Logo, do ponto de vista militar, a melhor via de acesso ao núcleo central do país erao rio Paraguai, tendo como o grande objetivo estratégico a cidade de Assunção (BRASIL, 2015).

Em 1865, a pedido do Ministro da Guerra, as operações conduzidas pela Tríplice Aliança no sul do Paraguai já se identificavam com o quadro estratégico esboçado por Caxias. O plano do futuro patrono do Exército Brasileiro mostrva bastante objetividade ao considerar a linha de conduta a ser mantida após a invasão empreendida por López, de surpresa, a Mato Grosso e ao Rio Grande. Dessa forma, a sugestão apresentada por Caxias apresentou-se da seguinte forma:

> Julgo que convém dividir o Exército em três colunas, ou corpos de Exército, devendo o principal marchar pelo Passo da Pátria, no Paraná, pela estrada mais próxima e paralela ao rio Paraguai, com direção a Humaitá, e daí a Assunção. Esta força deverá operar de acordo com a nossa esquadra que subir no rio Paraguai. Batido Humaitá, o nosso Exército deve continuar sua marcha a todo transe até a capital so Paraguai, combinando seus movimentos com a força de Mato Grosso, as quais deverão persseguir o inimigo que tiver invadido a Província até a linha do Apa, esperando aí as novas ordens. E a outra coluna que não deverá ser menor de 6 mil homens, marchará por São Paulo em direção à Província de Mato Grosso, fazendo junção com as forças que já guarnecem àquela Província, as quais calculo em 4 mil homens.Esta coluna deverá operar por Miranda com fim não só de assegurar as cavalhadas e gados que existem por esse lado como para obrigar o inimigo a distrair forças de sua base de operações e facilitar assim a entrada do grosso de nosso Exército que deve invadir pelo lado de Humaitá. Uma outra coluna, deve chamar a atenção do inimigo pelo lado de São Cosme, Itapuã ou São Carlos, para que ão só não possa ele cortar-nos a retirada pelo Passo da Pátria, no caso de revés no Humaitá, como para que não convirja com todas as suas forças sobre esse ponto quando atacado pelo nosso Exército. Este movimento deverá competir às nossas forças que guarnecem a fronteira de São Borja e deverão constar, pelo menos, de 10 mil homens, das três armas. (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.183).

Para isso, iniciou-se os preparativos para invasão, com recompletamento e organização da tropa, melhoria do adestramento e montagem da base de operações.

Em Corrientes montou-se uma oficina para produção de armas, um depósito de material de armas e preparou-se a instalação de hospitais (BRASIL, 2015).

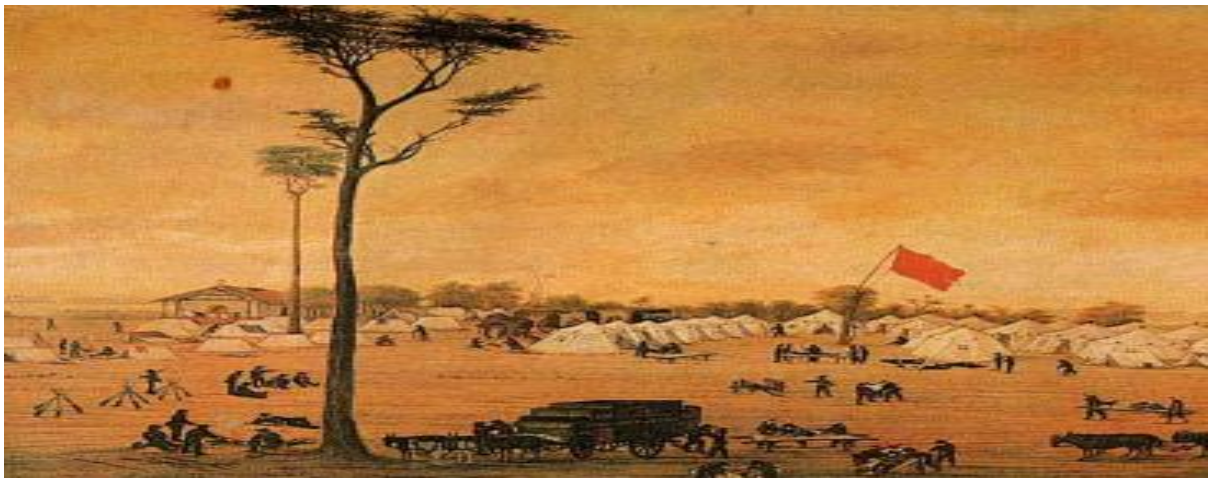
A força brasileira que Caxias encontrou, no entanto, estava desfalcada pelos comabates e doenças em um terço do efetivo que contava para transpor o rio Paraná, apesar dos reforços de recrutas que recebera nesse período. Para cuidar de tantos soldados doentes, havia apenas honze hospitais brasileiros. Dessa forma, o Patrono do Exército se preocupava com os mínimos detalhes, muito além da parte tática, dando grande importância a logística e ao apoio, buscando a melhoria nas instalações ocupadas pela tropa (DORATIOTO, 2002, p. 174).

Caxias equipou o exército, fortaleceu os acampamentos, além de aumentar seu conhecimento sobre o inimigo, mapeando as posições paraguaias ao utilizar pela primeira vez na América do Sul balões para observação, como destaca Faria:

> A atividade de Caxias para reorganizar o Exército era intensa: comprava cavalos e mulas, vitais para as operações militares, e melhorava a alimentação destes. Realizaram-se obras adicionais de defesa, que transformaram o acampamento de Tuiuti em forte posição defensiva. Caxias tentava organizar melhor as tropas ao treina-las e, enquanto aguardava a chegada do reforço do 3º Corpo de Exército de Osório, padronizava os outros dois. Também buscou mapear a região em volta de Tuiuti e identificar as posições inimigas. Com essa finalidade, tomou a iniciativa pioneira, antes só promovida durante a Guerra de Secessão norte americana, de utilizar-se de balões de observação (2015, p.188).

Reorganizada a tropa, Caxias parte para ofensiva, demosntrando grande capacidade de gestão e, ainda mesmo com o avançar de sua idade, preservava todos os atributos militares que o fizeram se destacar em momentos decisivos dos conflitos (FARIA, 2015).

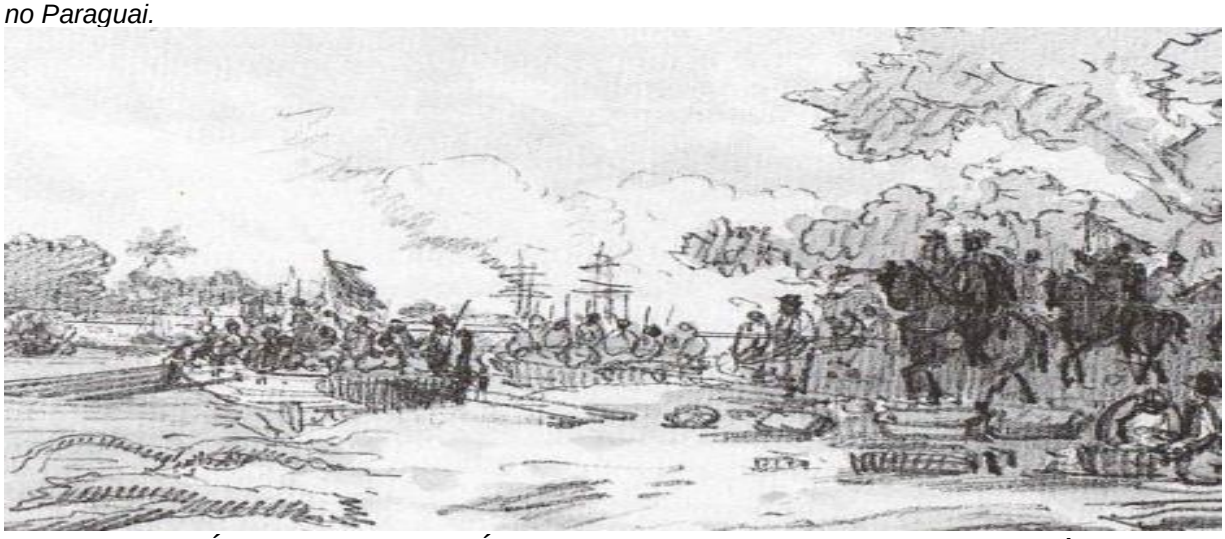
Figura 1 – Hospital de sangue brasileiro no Passo da Pátria



Fonte: (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.175).

Foi então que, finalmente em 17 de março de 1866, partiu a esquadra brasileira para começar a subida dos rios Paraná e Paraguai. Sem no entanto terem conhecimentos hidrográficos da região, houve a necessidade da realização de reconhecimentos e sondagem sob a direção. Os paraguaios obstaculizavam ao máximo as operações brasileiras, levando os anfíbios brasileiros à varias baixas, mas, em 16 de abril, as esquadras desembarcam na margem esquerda do rio Paraguai (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.156).

Figura 2 – Transposição do rio Paraná pelo Exército Brasileiro. *As tropas brasileiras entram no Paraguai.*



Fonte: (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.178).

Os movimentos das esquadras nos dias anteriores induziram López a julgar que a transposição seria mais a nordeste, levando-o a completa surpresa. Dessa forma, após a consolidação da cabeça-de-ponte, os aliados finalmente fazem com que Lopez e seus comandados abandonassem o Passo da Pátria (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.157).

Os paraguaios, entretanto, após a retirada, estabeleceu posição favorável em Tuiuti, a fim de criar uma contra ofensiva. Uma vez recompostos, iniciam sua ofensiva pela frente e pelos flancos das tropas aliadas, impedindo assim uma possível retirada. Graças as ações de Mallet, com suas baterias silenciosas e oportunas; de Smpaio, morto após muito combater comandando as ações e de Osório, de lança em punho comandando a reservas rápidas e decisivamente, o plano de Lopez fracassaria com a retirada paraguaia (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.157).

Figura 3 – Cena da batalha de Tuiuti.

Fonte: (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.178)

Após diversas batalhas, com significativas baixas, tanto dos aliados como dos paraguaios, o governo brasileiro estava convencido da necessidade de um comando unificado das forças terrestres e marítimas. Foi nesse contexto que em, 10 de outubro de 1866, o Marquê de Caxias foi nomeado comandante-em-chefe de todo efetivo brasileiro em operações no Paraguai (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.182).

A chegada de Luís Alves de Lima e Silva ao acampamento em Tuiuti deu novo alento às forças brasileiras, pois o incansável chefe visitava a todos, providenciava a renovação do material e percorria os hospitais. (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.182).

Reorganizado, os aliados retomam o movimento para o norte com o plano de Caxias em voga, mantendo um corpo de exército em Tuiuti, para garantir o contato com a esquadra, e com o restante do efetivo transpondo o flanco esquerdo dos paraguaios, para contornar as fortificações de Curupaiti e Humaitá. No entanto, López compreendendo a dificuldade com que os aliados os colocaram efetua um ataque surpresa dando início a segunda batalha de Tuiuti, que nada mais serviu para reafirmar o predomínio dos aliados na campanha.

O desempenho de Caxias na guerra era extraordinário em todas as fazes. Em uma ultima investida e mais sangrenta batalha da Guerra, Solano ordena que seu exército detesse Caxias no corte do rio Avaí. Não obstante, Caxias ordena que suas tropas cerrassem para o corte para uma ação frontal e decisiva, até que se conseguisse pelos flancos um envolvimento.

> Caxias ordenou ao Osório que arremetesse frontalmente contra o dispositivo guarani, enquanto Andrade Neves e Mena Barreto executariam um duplo desdobramento. Disputava-se a mais sanagrenta batalha dos últimos tempos da guerra. Osório fora ferido e antes de passar o comando galopou em frente às linhas dizendo:" Carruagem, camaradas, acabem com esse resto". Às 13 horas terminava a luta, com o aniquilamento quase total do adversário. (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.189).

Figura 3 – Batalha do Avaí. *À esquerda no cavalo branco, Caxias, à direita, trajando poncho, Osório.*

Fonte: (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.178)

Segundo Cláudio Moreira Bento, em sua obra Caxias e a Unidade Nacional, apresenta a vida de Caxias em quatro partes, demonstrando as bases da cultura do Duque e a relação do soldado e o cidadão em um primeiro momento; a vida de caxias como uma personalidade pública, posteriormente; a síntese do militar pacificador, demonstrando seus feitos históricos e, encerrando a obra com sua icnografia.

Nessa obra, consegue-se realizar uma passagem por toda vida de Luís Alves de Lima e Silva, enaltecendo seus feitos como chefe militar e a influência de seu legado para o Exército Brasileiro.

> Aos 200 anos de seu nascimento, não somente o Exército, mas as Forças Armadas; não somente estas, mas a Nação; não somente os militares, mas o povo brasileiro; não somente os mais idosos, mas os jovens em especial, devem reverência e gratidão a este grande vulto da nossa História, mercê da obra incomparável que realizou em benefício da Pátria e dos brasileiros.

> Luiz Alves de Lima e Silva foi o homem certo nas horas certas. Difícil imaginar como teria sido a trajetória histórica do País sem o concurso deste gigante, cujo maior predicado foi o de ter sido, antes de tudo, um Pacificador e assim, um incomparável apóstolo da manutenção da Unidade Nacional, o objetivo de sua vida. Enfim, um cidadão que colocou a Pátria acima de tudo, sem descurar de seus princípios e valores, principalmente os familiares. Nunca conheceu a derrota. (CAXIAS E A UNIDADE NACIONAL, 2001, p.27).

Dessa forma, Caxias sempre cumpriu seus compromissos com seu país por puro amor à terra, por respeito às instituições e ao povo brasileiro e, ainda, por antever um futuro promissor à uma Nação que ajudou a construir. (CAXIAS E A UNIDADE NACIONAL, 2001, p.28)

2.4 LIDERANÇA MILITAR

“A Guerra é o reino da vida e da mote. Dela depende a conservação ou a ruína do império. Urge bem regulá-la’’. (SUN TZU, Séc VI a.C)

> No entanto, ainda que determinado militar possua adequada capacidade de liderança e motivação para exercê-la, isso não assegura que ele venha a ser um bom líder. O processo de influência do líder sobre os liderados dependerá de como se relacionarão os quatro fatores da liderança (situação – líder – liderados – e interação entre líder e liderados) em determinado contexto. Como exemplo, é possível citar um comandante que se tornou um excelente líder em situação de combate e que não foi, necessariamente, um bom líder frente a uma organização militar de natureza administrativa (Brasil, 2011).

Numa perspectiva ataual, o conceito operativo, adotado pelo Exército Brasileiro, para Operações de Amplo Espectro é a realização das operações ofensivas, defensivas, de cooperação e coordenação entre agências de forma simultânea. Os comandantes de fração devem se apresentar com alto grau de iniciativa a fim de exercer sua liderança sobre seus subordinados. Sendo assim, a liderança militar ganha o seguinte conceito, segundo Brasil (2013):

> É definida como uma competência individual que confere ao indivíduo a capacidade de dirigir e influenciar outros militares, por meio de motivação, objetividade e exemplo. Na atualidade, os ambientes nos quais se desenvolvem as operações terrestres requerem que Comandantes e líderes da F Ter sejam extremamente adaptáveis, capazes de empregar com eficácia as competências relacionadas ao pensamento crítico e à criatividade. Ao mesmo tempo, essa

> adaptabilidade e o domínio das competências citadas só lhes serão úteis se eles forem capazes de transmitir com clareza e em tempo hábil sua intenção e diretrizes aos subordinados. Comandantes competentes, informados e dotados de iniciativa, coragem física e moral são capazes de extrair o melhor resultado do pessoal e dos sistemas de combate colocados sob seu comando. (BRASIL, 2013, p. 32).

Segundo Vieira, 2002, defini-se liderança como um processo de influência no comportamento humano, motivando indivíduos a adotar posturas e comportamentos que não demonstrariam por conta própria. Num contexto institucional, no entanto, esta definição não abrange por completo o significado de liderança, uma vez que as organizações são motivadas a cumprir metas e objetivos nas quais os líderes são responsáveis por tais cumprimento. De fato, o termo liderança, ainda que ilustrado pelas doutrinas militares, ou ainda pelos comportamentos representado pelas esferas empresariais e política, irreversivelmente vem substituindo o termo “chefia” o qual nos acostumamos. A esse termo, acrescentou-se um conhecimento mais profundo e aperfeiçoado, capaz de transpor seu simples significado literal, e por razões de ordem prática, distinguindo o chefe do líder. (VIEIRA, 2002, p.10).

Na antiguidade, os comandantes de grandes exércitos distinguiam-se justamente por criar laços de liderança com seus subordinados, abstendo-se de simplesmente comandar seus homens, mas cosduzindo-os, por meio do exemplo, quando, no mesmo campo de batalha, participavam dos comabtes correndo os mesmos riscos que os liderados. (BRASIL, 2011, p.18). Logo, esses atributos foram a chave para o desenvolvimento do espírito de corpo, da coesão para liderar as tropas brasileiras durante os confrontos em defesa da nação.

Com respeito e grande estima de todos, Luis Alves de Lima e Silva, conduziu o destino da nação com suas ações. De forma franca, conciliadora e previdente, procurou adotar medidas adequadas para cada situação. Quando ao posto de Marechal, assumiu também a função de Senador, em 1865, iniciando a campanha da Tríplice Aliança contra Solano Lopes:

> Quando Caxias passava no seu uniforme do Marecha do Exército, ereto, elegante, apesar da idade, todos nós perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era somente respeito devido a sua alta posição hierárquica. Havia mais a veneração religiosa e admiração sem limite. Ele poderia fazer dos seus soldados o que quisesse desde um herói até um mártir. Por isso, quando ele passou pela frente do dezesseis

> (de infantaria), com as faces incendiadas e a espada desembainhada, foi preciso nosso comandante comandar – Firme! – para que não seguíssemos todos. (CERQUEIRA, 1980, p.241)

Percebe-se que Caxias, durante suas ações, era exaltado e tido como exemplo por todos seus comandados. Sua responsabilidade, honestidade e seu caráter levava-os a crer neste líder que jamais transferia suas responsabilidades, e muito menos suas culpas diante de seus resultados, qualquer que fossem. Quando, diante das ameaças de Solano Lopes de conquistar a Bacia do Prata, o Paraguai almejava uma rota própria para o Atlântico, deu-se os conflitos em Riachuelo e Tuiuti, onde Caxias assumiu a frente do confronto sem os aliados desgastados. Nesse contexto, portanto, o então Marquês de Caxias é nomeado Comandante e chefe do Exército Brasileiro, não deixando dúvidas que tal cargo podia sê-lo confiado, não apenas pela altoriade que lhe era marcante, mas pelo grande prestigio de que gozava.

Segundo Farias, as força terrestre brasileira eram vistas com boa impressão por todos que a conheciam, sendo autoridades ou não. Relata-se que o acampamento dos brasileiros era extremamente limpo e organizado sob as ordens de Caxias, uma vez que a cólera era evitada devido a drenagem da água poluída de esgotos. (FARIA, 2015, p.189).

2.5 LIDERANÇA MILITAR E SEUS ASPECTOS IMPORTANTES

O perfeito entendimento do fenômeno de liderança nos remete a um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, para que aquele, com o devido conhecimento do conceito de líder, estabeleça sobre estes vínculos afetivos, de modo a obter logro dos objetivos militares nas diversas situações.

Para uma melhor compreensão do conceito de liderança, James Hunter (HUNTER, 2006. p.15), em seu livro Monge e o Executivo define:

> Liderança é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum.

Ainda, para Brasil (2015, p.11), conceitua liderança militar como:

> Liderança é a capacidade evidenciada por um indivíduo para influenciar outro militares, subordindados ou não, seja em tempo de paz, seja em situações de crise ou guerra, motivando-os a cumprir de forma adequada sua missões específicas e a participar de forma pró-ativa das atividades desenvolvidas pelo grupo a que pertencem.

Dessa forma, percebe-se que a liderança influencia a ação daqueles que por livre espontânea vontade não seriam capazes de exercer determinado tipo de atividade; é a influência proposital entre indivíduos que levam a resultados desejados pelo líder reconhecido por um grupo. Assim, para Janda (1960, p.35):

> Liderar é um tipo especial derelacionamento de poder caracterizado pela percepção dos membros de um grupo no sentido de que outro membro do grupo tem o direito de prescrever padrões de comportamento a posição daquele que dirige no que diz respeito à sua atividade na qualidade de membro do grupo.

Aqueles com qualidades dinâmicas e carismáticas definem o rumo da história. Segundo Hecksher (1998), há algumas características necessárias para um líder conseguir um rendimento satisfatório ao liderar sua tropa. Conhecer sseus homens para atribui-los funções compatíveis com suas habilidades é fundamental para o sucesso da condução. Comunicar-se bem e com correção resulta no eficiente entendimento da informação por parte de comandado, a fim de atingir o objetivo correto.

“Aja com decisão e firme autoridade, mas tenha paciência, empatia e tato”. (Brasil, 2011, p.7-3), nos mostra mais uma característica a ser utilizada pelo líder ao tratar seus comandados. A credibilidade do comandante perante seus liderados, também é um fator essencial á ser conquistado. De nada adinta todas qualidades se o próprio líder não passa o exemplo, uma vez que sempre será observado e avaliado diante de suas atitudes.

Ainda que seja da natureza de um líder tomar as decisões, não basta apenas faze-las, mas sim, escolher a melhor linha de ação, caso contrário, os melhores resultados não serão obtidos. Portanto, ponderar suas decisões e manter uma consciência situacional, se vale como uma das características de líder, segundo

Hecksher. Por fim, controlar o medo e demonstrar coragem diante de todas as situações talvez sejam o mais importante princípio para definição do líder.

> Em Itororó, após um novo contra-ataque paraguaio, Caxias sentiu a importância de uma vitória imediata para elevar o moral de seus combatentes. À frente de dois batalhões, desembainhou a espada e lançou à frente, exclamando: “Sigam-me os que forem brasileiros!” Com o destemor de nossas forças impulsionadas pelo generalíssimo, o inimigo retraiu pela estrada de Villeta. Terminada a luta fatigante não havia condições para executar a perseguição e Caxias mandou Osório ocupar a posição conquistada. O restante do exército acampou nas imediações da ponte. A decisão de lançar-se intrepidamente contra o inimigo para, como disse, não retardar o resultado desejado, fundamentou-se puramente no fator moral e na audácia. “Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante”. (O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL: Reino Unido e Império, 1998, p.188).

Percebe-se nessa passagem anterior que o exemplo, o conhecimento das capacidades de sua tropa, ação com firmeza e autoridade, ecolhendo a melhor linha de ação, e sobre tudo a coragem, fizeram com que Caxias levasse os aliados à vitória nessa batalha, tornando-o um incontestável líder.

Sendo assim, de acordo com Brasil (2008), todo líder deve possuir alguns valores para assim o ser denominado, como honra, caráter, honestidade, lealdade, senso de justiça e respeito, além de velores cívicos-proficionais, como Caxias demontrava, tais como: camaradagem, patriotismo e espírito de corpo.

Segundo o manual IP20-10 (1991, p.2) revela-se os conceitos mais relevantes a liderança militar:

> **a.área afetiva** - um dos domínios do comportamento humano que compreende todos os aspectos relacionados com valores, atitudes, interesses e emoções;
> **b.atitudes** - são predisposições aprendidas de fundo emocional, para pensar, sentir, perceber e agir consistentemente de maneira favorável ou desfavorável, em relações a pessoas, conceitos ou fatos;
> **c.caráter** - soma total dos traços de personalidade que dão consistência ao comportamento e tem por base as crenças e valores, sendo o fator preponderante nas decisões e no modo de agir de qualquer pessoa;
> **d.crenças** - são suposições ou convicções julgadas verdadeiras a respeito de pessoas, conceitos ou fatos;
> **e.ética militar** - é o conjunto de regras ou padões que leva o profissional militar a agir de acordo com o cumprimento do dever, dignidade militar e decoro da classe;
> **f.interesses** - sáo atitudes favoráveis em relação a objetos e ideias;

> **g.motivção** - é a força interna que emerge, regula e sustenta todas as ações humanas. O impulso interir que leva as pessoas a realizarem coisas;
> **h.normas** - sáo padrões, regras e diretrizes usadas para dirigir o comportamento dos membros de um determinado grupo;
> **i.valores** - representam o grau de importância atribuído, subjetivamente, às pessoas, aos conceitos ou aos fatos.

Já as características e atribuições do liderados são descritos, segundo o manual IP 20-10 (1991, p.3), da seguinte forma:

> (1) Oconhecimento do liderados é fator essencial para o exercício da liderança e depende do entendimento claro da natureza humana, das suas necessidades, emoções e motivações. (2) Os escalões subordinados contribuem decisivamente para o êxito da organização militar a que pertencem, o seu treinamento e adestramento são aspectos fundamentais da instrução militar, por intermédio da qual são aprendidas e entendidas as situações mais complexas. Todo líder precisa da colaboração de subordinados bem treinados, para que o grupo alcance sucesso nas missões, mesmo a despeito de sua ausência. (3) Instrutores e monitores de tropa devem ter a conscientização necessária para iniciar a formação e o desenvolvimento do caráter militar do combatente. (4) A instrução, o exemplo, o permanente acompanhamento e a preocupação de persuadir e de motivar os subordinados são de vital importância para a eficiência da própria unidade. A profissionalização de um militar deve ter um sentido amplo; é necessário que a busca desse propósito seja iniciada, também, com a formação de valores afetivos, capazes de criar os suportes morais e éticos sobre os quais ele será habilitado nos aspectos profissionais.

Assim, percebe-se que para um comandante permanecer como líder, é necessário o cumprimento e desenvolvimento de uma série de atributos, mantendo-se assim, um militar ativo e motivador de homens.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado os seguintes procedimentos metodológicos: leituras preliminares da literatura para aprofundamento sobre o tema; definição e elaboração dos instrumentos de fontes de dados para a realização da separação das etapas a serem analizadas. Dessa forma, seguiu-se o cronograma proposto buscando atingir os objetivos do estudo.

3.1 A INFLUENCIA DE DUQUE DE CAXIAS NA PREPARAÇÃO DA TROPA

Nesse capitulo, buscaremos demonstrar os efeitos da liderança de Duque de Caxias sobre seus comandado a partir do seu comando na Guerra do Paraguai.

3.1.1 Medida administrativas implementadas

Segundo Doratioto, 2002, ao assumir o comando das tropas brasileiras na Guerra do Paraguai, Caxias fez um amplo mapeamento das necessidades logísticas ao qual a tropa carecia. Antes de prosseguir com as ações ofensivas, adquiriu novos cavalos, regularizou a estrutura dos alojamentos dos soldados, manteve seus homens com uniformizados e realizou melhorias na parte sanitária dos acampamentos. Todas essas medidas, reduziram as baixas por doenças causadas por infecções alimentares, além de elevar o moral da tropa que se encontrava bem vestida e descansada. Não obstante, corrigiu diversos problemas de indiciplina que que atrapalhavam a coesão da tropa e intensificou os treinamentos das ações militares.

Além disso, Faria, 2015, complementa que a alimentação da tropa depois da chegada de Caxias nos acampamentos, fez parecer que o Exército Brasileiro tivesse sido renovado por outro contingente.

3.1.2 A liderança no campo de batalha

A liderança de Caxias nos campos de batalha já era conhecida por todos, principalmente pelo Ministro da Guerra, Henrrique Beaurepaire-Rohan, que percebendo as suas limitações face a situação de beligerância, solicitou apoio do Marquês de Caxias que se pôs de imediato a auxilia-lo (Biblioteca do Exército, Odebrecht, 1988, p.174).

Exerceu por diversas vezes a liderança direta diante sua tropa, impulsionava-os, ainda que dominados pelo medoa sucessivas vitórias até a conquista da capital do Paraguai.

Segundo Dalgalarrondo, 2006, o medo nao é uma emoção patológica, mas algo universal dos animais superiores e do homen. O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescente, ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capaz de fazer.

A partir dessa definição de Dalgalarrondo e conforme os resultados históricos apresentados, percebemos que a liderança de Caxias construía-se na medida em que se dominava esse sentimento.

Além disso, o nosso Patrono do Exército sempre se apresentava como um grande estrategista, aumentando seu conhecimento sobre o inimigo de forma minuciosa, mapeando posições e passando confiança, indo a frente de sua tropa e os tirando da inércia. Assim, seus oficiais sabiam o que esperar, pois Caxias os mantiam informados, passando segurança sempre com uma palavra positiva para anima-los (8º orientação, C20-10 liderança).

3.1.3 Caxias como modelo de liderança

Segundo as fontes levantadas nesse trabalho, tanto históricas como acadêmicas, percebe-se uma unanime entre os autores que as condutas apresentadas por Caxias são modelos atemporais a serem seguidos. Ainda que seculares, sua postura diante do teatro de operações merece especial atenção, devendo ser explorado como uma orientação para liderança.

Uma vez que atendia às necessidades fisiológicas de sua tropa, mantia-se junto aos seus soldados e, quando não somente sua presença era suficiente, utilizava-se da sua oratória para impulsionar seu exército, vemos como um líder deve se portar diante de seus subordinados, em todos os níveis, transformando uma massa organizada e motivada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se liderar, em primeiro lugar, deve-se ter uma percepção de que é necessário que o líder tenha maior conhecimento que os demais. Deve-se haver um desejo maior de conhecimento por aquele que deseja guiar seus homens, a fim de convence-los a seguir suas ordens.

A nobre missão de conduzir e orientar homens para que um grupo possa atingir seu objetivo é um aspecto facilmente identificado no Exército Brasileiro. Mas é com o Duque de Caxias que observamos o maior exemplo de liderança, com seu desejo e competência conduziu seus homens pelo exemplo até o cumprimento da missão.

O exemplo de Caxias, no entanto, é fruto de uma auto-motivação e valores aprendidos no Exército. Sua busca incansável pelo conhecimento e em conformidade com seus valores morais, o fez se sobressair diante todas as situações que lhe eram impostas na Guerra. Sempre agindo nos limites da legalidade e eficiência.

Dessa forma, todos os comandantes de fração, ao longo de sua carreira, se depararam com situações, em combate ou não, em que dependeram de sua capacidade de motivar seu homens, através de seu exemplo pessoal, para o objetivo final desejado. Lideres precisam ser disciplinados, umas vez que um oficial nessa posição possui diversas atribuições e obrigações a serem cumpridas e ainda precisam fiscalizar seus liderados

Caxias ganhou confiaça para liderar seus soldados no conflito da Tríplice Aliaça. O exemplo arrasta aqueles, ainda que desmotivados, a um objetivo final. Pode-se afirmar, portanto, que a imagen e os atos valem mais do que mil palavras, pois a melhor maneira de um líder despertar em sua equipe um comportamento desejado é agindo exatamente de maneira que ele espera que seus liderados ajam.

Acessibilidade e visão sistêmica também eram características de Caxias que o marcou. Significa que ele sempre estava a par de tudo que acontecia, não cabendo lidar com detalhes de cada tarefa, delegando-as. Ainda, todo líder deve ter uma acessibilidade com seus subordinados, disponível para ajudar e tirar dúvidas das atividades Por mais que o líder esteja em posição de destaque, no entanto, jamais deve-se perder a consciência de que sem seus subirdinados, a missão não será cumprida. Para isso, ele precisa ter humanidade para reconhecer o valor de sua tropa, sem arrogância ou que se sinta superior aos demias.Um líder, sabe exatamente em

quem confiar e não tenta fazer tudo sozinho, admitindo quando erra sem terceirizar a culpa.

Dessa forma, é dever dos oficiais, principalmente quando em função de comando, respaldar-se na ética e na moral que foram sempre demonstrados por Caxias. Quando diante do inimigo, teve sempre ao seu lados, soldados leais, dispostos a sacrificar a própria vida para preservação da nação. Devido a liderança de Caxias, suas missões sempre tiveram sucessos, pois o sucesso era reflexo dquilo que ele mesmo demonstrou, sendo, portanto, exemplo para todos os novos comandante de fração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Luís Alves de Lima e Silva. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/lu%C3ADs_Alves_de_Lima_e_Silva. Acesso em: 12 fev 2021.

Francisco de Lima e Silva. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation.Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Lima_e_Silva>.Acesso: 12 fev. 2021 BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a Unidade Nacional**. 1. ed. Porto Alegre, RS, 2003.

BRASIL. Exército**. Diários do Exército em Operações. Acampamento de Tuyu cuê**, 1867. Marquez de Caxias. Campanha do Paraguay. BRASIL. Exército. C 20-10: **LIDERANÇA MILITAR**. 2. ed. Brasília, DF, 2011. ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. Portaria n° 070, de 25 de junho de 2007. Aprova Diretriz para Implementação do Programa de Ensino e Estudo da Liderança Militar no Exército Brasileiro. Boletim do Exército, Brasília, DF, n. 26, p. 25, 29 jun. 2007.

O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL, Reino Unido e Império. Ed. Salvador, BA, 1998.

TZU, Sun. A Arte da Guerra. eReader edition por Rafael Arrais. 2013.

BOUCHACOURT. **Essai Sur La Psychologie de L'Infanterie.** Boulevard Saint-Germanain, 1933, Paris.

_____. EXÉRCITO. ESTADO MAIOR. **C 20-10: Liderança Militar.** 2ª Ed. Brasília. [s.n]. 2011.

VIEIRA, Belchior. **LIDERANÇA MILITAR**. Disponível no site https://dspace.ist.utl.pt/.../(Livro_Lideran_Militar_GEN_Belchior_Vieira).pdf.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. eReader edition por Rafael Arrais. 2013.

DE CARVALHO, Affonso. **CAXIAS.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1991.

BLOG GUERRA DO PARAGUAI. **Campanha no Mato Grosso do Sul.** 2017. Disponível em: <http://guerradoparaguaimatogrossodosul.blogspot.com/> Acesso em: 13 out 2018.

CAXIAS, General Luiz Alvez de Lima e Silva. **Exército em operações na República do Paraguay sob o comando em chefe de todas as forças de S. Ex. o sr Marechal-de-exército Luiz Alvez de Lima e Silva**. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco Alvez de Souza, 1877.

_____, General Luiz Alvez de Lima e Silva. **Resumo Histórico das Operações Militares dirigidas pelo marechal-de-exército Marquez de Caxias na Campanha do Paraguay.** Rio de Janeiro: Typographia Popular de Azeredo Leite, 1872.
CERQUEIRA, General Evangelista de Castro Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai: 1865- 70.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai.** São Paulo: Brasiliense, 1979.

CLAUZEWITZ, Karl von. **Da Guerra.** Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

COSTA, Virgílio Pereira da Silva. **Duque de Caxias**. São Paulo: Três, 1974.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai.** São Paulo: Companhia das letras, 2002.
_____. **Nova luz sobre a guerra do Paraguai**. Revista Nossa História, Rio de Janeiro, ano 2, n. 13, 2004, p. 18-23.

FARIA, Durland Puppin De. **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015.

_____. **A Guerra do Paraguai**. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). O Brasil imperial — vol. II — 1831–1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira